

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo Class.: 911

Data: 03.11.84 Pg.: _____

Ciência e Tecnologia

O cacique Juruna, Jânio Quadros e o malufismo

ROGÉRIO C. CERQUEIRA LEITE

Do equipe de articulistas da Folha

Ah, se eu fosse um sociólogo! Ou pelo menos um antropólogo. Não perderia esta fascinante oportunidade. Os leitores já devem ter notado a febril atividade preparatória para a passagem do cometa Halley, anos antes da ocorrência. Um simples eclipse completo provoca a mobilização de equipes enormes e deslocamentos de astrônomos e equipamentos por toda a Terra. Quando um vulcão volta à atividade, geólogos se alvoroçam e, apesar da gravidade do objeto a ser estudado, centenas deles se postam em suas vizinhanças, ávidos de informações que revelem os mecanismos íntimos do fenômeno. A simples notícia da passagem de uma coluna de ecitons, a formiga legionária, atrai todos os entomólogos do país. Uma catástrofe ecológica ativa especialistas de toda a nação. Então como explicar o desinteresse de sociólogos, cientistas políticos e estudiosos do comportamento animal por este singular episódio da história brasileira?

Tomemos como um primeiro exemplo a ira inesperada do deputado Juruna pela tentativa de suborno de que foi objeto. Desde a publicação do livro de Marcel Mauss sobre "O Presente", todo estudante de antropologia sabe que sociedades baseadas na propriedade comunal, como é o caso dos Gês, grupo a que pertence a tribo do cacique Juruna, desenvolvem uma moralidade bastante diversa daquela característica da cultura ocidental no que diz respeito a presentes e favores. Um presente é pouco mais que um sorriso ou um gesto de hospitalidade ou de boa vizinhança. Aceitar ou solicitar um presente não é de maneira alguma um gesto imoral. E a negativa é aceita com muita dignidade. Conheci indígenas brasileiros de várias culturas, inclusive Gês de uma tribo vizinha àquela de que é cacique o

deputado Juruna, e dei e recebi muitos presentes com a mesma naturalidade com que um bom caboclo oferece um cafezinho ao passante. Ainda recentemente recebi uma lista com 37 itens solicitados como presentes, incluindo um gravador e uma bicicleta pelo meu amigo e cacique Abraão. Este ato é, em relação a sua cultura, perfeitamente moral, posto que, sendo comunal a propriedade, a posse de um objeto tem um significado pouco mais que simbólico. A reação tardia de indignação de Juruna só ocorreu quando este percebeu o que a transação significava para a nossa cultura. Ele estava sendo comprado e desmoralizado e não percebera. Por isto se enfureceu e devolveu ao sr. Calim Eid o suborno. Não por causa dos ditames de moralidade de sua sociedade mas porque a cultura judeu-cristã com que é obrigado a conviver o desprezaria pelo que estava fazendo. Este pequeno episódio serve, entretanto, para realçar o fenômeno social pelo qual passa a sociedade brasileira. Em qualquer país civilizado o caso Juruna teria aniquilado a candidatura do Sr. Maluf. E, no entanto, no dia seguinte, o homem da vassoura, aquele que até recentemente chamava a equipe malufista de "Ali Babá e seus quarenta ladrões", aquele que se pretende paladino da moralidade, o ex-presidente Jânio Quadros, com aquela mesma desfaçatez que caracteriza o malufista convicto, sem esconder o rosto com as mãos trêmulas, anuncia a sua "emalufização".

Não é este um fenômeno psicossocial fascinante? Não me entenda mal o leitor. Pouco me importa a dignidade desse político decadente ou suas eventuais dores de consciência. Duas garrafas de Chivas resolvem o problema. O que me preocupa é a sua convicção de que não lhe cusparam na cara os próprios associados. É esta certeza de que o povo brasileiro possa ser conivente com essa morali-

dade casuística. Estaríamos, no Brasil, às vésperas de uma revolução dos costumes? Estaria para acontecer uma revolução ética com a rejeição dos padrões tradicionais da civilização judaico-cristã?

Enquanto o recém-chegado Juruna, embora tropeçadamente, adere aos preceitos que nortearam a construção de uma cultura de grande vitalidade, Jânio, que baseou toda sua carreira política, pelo menos no plano retórico, na defesa desses princípios, a abandona agora. E a sociedade brasileira aceita, embora um pouco enojada. E as forças armadas pactuam, embora perplexas. De onde vem essa força primitiva do malufismo? Seria o "homo sapiens" assim vulnerável? Enfim, já aconteceu o nazismo, o "apartheid", o extermínio do ameríndio... e agora o malufismo!

Ainda recentemente centenas de baleias nadaram insistentemente em direção a uma praia lá encalhando e nada pôde dissuadi-las de retornar, até que todas pudessem. O mesmo aconteceu com as tartarugas do Galápagos. Algumas espécies de roedores eventualmente deflagram inexplicavelmente uma maciça migração, irracional e inexorável. Por vezes o sacrifício é total, despencando no mar ou aventurando-se em regiões desérticas. Um auto-extermínio de imperativos biológicos ou a busca do paraíso perdido? Quem teria razão, Juruna rejeitando o malufismo, ou Jânio aderindo? O atônito iniciante na cultura ocidental ou o senil desertor? Jânio Quadros abre seu último artigo neste jornal em que procura justificar sua emalufização com uma frase de Nietzsche: "Ha algo na moralidade de Platão que, em verdade, não pertence a Platão". Mas deixemos que o próprio Nietzsche lhe responda: "Aquele que se veste de farrapos bem lavados se veste limpamente, é verdade, mas não deixa de estar em farrapos."

